

ZOOTERAPIA USADA NA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA “GOTA CORAL” (EPILEPSIA): PASSADO E PRESENTE

Argus Vasconcelos de Almeida

Professor Associado do Departamento de Biologia da UFRPE

argus@db.ufrpe.br

RESUMO

Este estudo foi realizado através de uma revisão da literatura nas obras sobre os conceitos de doença e do tratamento de "gota coral" (epilepsia) e as prescrições zooterápicas usadas contra a doença em três autores clássicos da literatura médica portuguesa tiveram uma grande influência no Brasil: Simão Pinheiro Morão (c.1618-1685) João Curvo Semmedo (1635-1719) e Luis Gomes Ferreyra, que medicou no Brasil no século XVIII. O termo zooterapia adotado deve ser entendido como o uso de medicamentos feitos de partes do corpo de animais, produtos de seu metabolismo, tais como secreções corporais e excrementos, ou materiais construídos por eles, como os ninhos e casulos. A zooterapia hoje inclui um sistema de médico complexo que inclui, entre outras práticas populares de saúde, simpatia e profilaxia da magia, como escapulários, amuletos, talismãs, gestos e transferências. Foram examinadas as prescrições zooterápicas nas obras de três médicos, 11 em Morão, 22 em Semmedo enquanto Ferreyra prescreveu apenas o uso de três amuletos. A atual zooterapia popular brasileira indica 17 receitas para o tratamento ou prevenção da doença.

Palavras-chave: “gota coral”, epilepsia, zooterapia.

ABSTRACT

This research was conducted through a literature review of the publications dealing with the concepts of illness and treatment of "gota coral" (epilepsy) and the zootherapeutic prescriptions used against the disease in three classic authors of the Portuguese medical literature which had a great influence in Brazil: Simão Pinheiro Morão (c.1618-1685) João Curvo Semmedo (1635-1719) and Luis Gomes Ferreyra, who practiced in Brazil in the early eighteenth century. The adopted term zootherapy must be understood as the use of remedies made from body parts of animals, products of their metabolism, such as body secretions and excrement, or equipment built by them, such as nests or cocoons. Nowadays zootherapy integrates a very complex therapeutical system in which includes, among other practices popular health, magical prophylaxis using amulets, scapulars, amulets, gestures and transfers. The zootherapeutica resources found in the papers of three doctors examined were 11 in Morão, 22 in Semmedo while Ferreyra only prescribes 3 amulets. The current Brazilian popular zootherapy includes 17 zootherapical prescriptions for the treatment or prevention of diseases.

Keywords: "gota coral", epilepsy, zootherapy.

Introdução

É objetivo do presente trabalho analisar os conceitos e as prescrições zooterápicas usadas no

tratamento e prevenção da “gota coral” (epilepsia) em três autores clássicos da literatura médica

portuguesa que tiveram larga influência na medicina brasileira, tais como a do médico Simão Pinheiro Morão (c.1618-1685) que em sua obra pouco conhecida:

Queixas repetidas em ecos dos Arrecifes de Pernambuco contra os abusos médicos que nas suas capitâneas se observam tanto em dano das vidas de seus habitantes

Escrita em Pernambuco em 1677, na qual existem os primeiros registros de doenças mentais no Brasil (Almeida 2008); a do médico João Curvo Semmedo (1635-1719) autor da célebre obra *Polyanthea Medicinal* (1697) e a do cirurgião Luis Gomes Ferreyra, que viveu e praticou em Minas Gerais e na Bahia na primeira metade do século XVIII, autor da conhecida obra *Erário Mineral* (1735). Tendo por hipótese de trabalho que, em relação ao tratamento da epilepsia através de recursos zoterápicos, nada foi reproduzido na atual zoterapia popular no nordeste brasileiro.

A palavra epilepsia é de origem grega, *epi* (em cima) e *lepsem* (abater), significando fulminar, abater com surpresa, ser atacado, algo que vem de cima e abate o indivíduo. A epilepsia é uma doença conhecida desde épocas muito remotas da humanidade. Há relatos completos de uma crise secundariamente generalizada datados de 3.000 anos atrás, em linguagem acadiana. Outros relatos de casos foram descritos no Egito (1,600 a.C.), China (1,700 a.C.), Índia (1,000 a.C.) e Babilônia (500 a.C.). A denominação “gota coral”, usada em Portugal e Espanha, era explicada porque se pensava que a crise seria provocada por uma gota que caía sobre a coração (Soares 2004).

Desde os primórdios já se discutia as possíveis causas do ataque que acometia uma boa parte da população e que afetava o indivíduo não só fisicamente como também psicologicamente e socialmente (Forster 1966).

No século XVI, a medicina na Península Ibérica era o resultado de múltiplas influências: as crenças celtas, os princípios da medicina greco-romana, o uso das preces e bênçãos cristãs e as crenças mouriscas. A medicina baseada nas práticas gregas predominava nesse tempo das conquistas.

Entretanto, ela não tinha chegado aos povos ibéricos diretamente de seus criadores, mas através dos árabes que a aprenderam, desenvolveram e divulgaram, principalmente através da influência de alguns grandes médicos muçulmanos que criaram escolas importantes, como Rhazes (850-925) e Avicena (980-1037), (Rodrigues 2001).

Segundo Santos (2005) os médicos portugueses dos séculos XVI e XVII, nos tratamentos que dispensavam a qualquer doença visavam neutralizar a ação dos humores corruptos. Então, combatiam o mal-estar do paciente receitando regimes alimentares e medicamentos compostos de origem vegetal ou animal com qualidades opostas às substâncias nocivas que dominavam o organismo ou através da sangria.

Nos tempos antigos no tratamento da epilepsia usavam-se como recursos zoterápicos: o sangue coletado de gladiadores feridos, carne de gata, carne de jumento, toupeira grelhada, fezes de pavão, excrementos de leão, pó de crânio de suicida ou de decapitados (Fernandes 1926).

Já Paracelso iniciou o uso de compostos químicos como o óxido de zinco e o açúcar em partes iguais. Outros preferiam certos sais de prata, cobre, ferro ou arsênico. Compostos químicos, como o lactato e valerianato de zinco, sulfato de cobre amoniacal, hidro-ferro cianeto de ferro, nitrato de prata, antipirina, arseniatos (licor de Fowler), trional e sulfonal.

Entre os vegetais usados destacaram-se beladona, valeriana, digital, saião, agárico, raiz de artemísia, salsa dos pântanos, índigo (Fernandes 1926).

O relato das tentativas malsucedidas terapêuticas é extenso. Muitas não somente eram aleatórias e ineficazes como poderiam também ser cruéis, a considerar algumas como: consumo de sangue de ser humano recentemente morto, pó de crânio humano, digitalis ou nitrato de prata, além de sangria, purgação, emese, diurese, sudorese e recomendação para exercer ou coibir atividade sexual ou trepanação craniana.

Como as crises epilêpticas estavam muitas vezes relacionadas a causas sobrenaturais, a elas se

recorriam para neutralizá-las: amuletos e santos tais como São Valentim (Gomes 2006).

Segundo a teoria humoral, não havia doenças e sim doentes, e com o auxílio do médico que apenas ajudava no restabelecimento do equilíbrio interferindo o menos possível nesse processo, estabelecia-se a ordem natural da *physis*.

O termo zooterapia aqui adotado deve ser compreendido como o uso de remédios elaborados a partir de partes do corpo de animais, de produtos de seu metabolismo, como secreções corporais e excrementos, ou de materiais construídos por eles, como ninhos e casulos (Costa-Neto 2006). Os remédios baseados em matérias-primas animais tratam ou previnem doenças e enfermidades, tanto de seres humanos quanto de animais. A utilização medicinal de animais é um fenômeno transcultural historicamente antigo. Os conhecimentos e práticas zooterapêuticos são transmitidos de geração a geração, especialmente por meio da tradição oral, e estão bem integrados com outros aspectos das culturas das quais fazem parte. A zooterapia integra um sistema médico bastante complexo no qual estão incluídos, entre outras práticas populares de saúde, simpatias e profilaxias mágicas, tais como patuás, bentinhos, amuletos, talismãs, gestos e transferências (Costa-Neto 2006).

Sob a denominação geral de “zoologia médica”, três importantes autores do século XIX, John Stephenson (1832), Moquin-Tandon (1861) e Allen (1869), estudaram os produtos animais adotados pela matéria médica até o século XIX. Estas três obras tem enorme importância histórica para a zooterapia, na medida em que testemunham o poder de reprodução e permanência dos produtos animais usados com fins terapêuticos pela medicina até meados do século XIX.

De acordo com Moquin-Tandon (1861) os produtos de origem animal adotados pela matéria médica no século XIX são apresentados nas seguintes formas:

- 1) *O animal inteiro: simplesmente aberto ou ferido, seco ou reduzido a pó, calcinado e reduzido a cinzas, infundido em água, cozido no leite, infundido em óleo, destilado*

- 2) *Ossos*
- 3) *Sangue*
- 4) *Gordura*
- 5) *Revestimentos: pele, pelos, penas*
- 6) *Conchas: univalves, bivalves, epifragma, pérolas*
- 7) *Órgão nutritivos: mandíbulas, dentes, língua, estômago, intestinos, baço, fígado, rins, pulmões e coração*
- 8) *Bile, urina e excrementos*
- 9) *Órgãos de reprodução: testículos e pênis*
- 10) *Ovos: cobertura de ovos, ovos inteiros e cascas*
- 11) *Órgãos de relação: cérebro, olhos, ossículos do ouvido, pés, cascos, garras de gavião; pinças de caranguejos*
- 12) *Órgãos acessórios: chifres, apêndices acessórios*
- 13) *Outros produtos: sebo, lágrimas secas, tinta, casulos e bezoários.*

Assim, o uso da zooterapia, ao contrário do que se pensa, não é exclusivo dos povos primitivos ou de nações atrasadas cultural e economicamente. Muito pelo contrário, a leitura dos médicos e filósofos da época clássica greco-romana, já nos revela um sistema zooterápico naturalmente aceito e desenvolvido.

Como sugere Posey (1980), do ponto de vista da etnobiologia, o estudo dos documentos históricos ainda inéditos nos arquivos europeus, ainda não traduzidos ou não analisados, aponta possibilidades futuras para o estabelecimento de “pontes” entre a etnobiologia e a história. É o que tentamos fazer no presente trabalho.

Material e método

O presente trabalho foi realizado através de uma revisão de literatura nas obras sobre os conceitos e o tratamento da enfermidade da “gota coral” (como os autores denominam os acidentes epiléticos):

Queixas repetidas em ecos dos Arrecifes de Pernambuco de Simão Pinheiro Morão (escrita em Pernambuco em 1677); *Polyanthea medicinal* (1697) de João Curvo Semmedo e *Erário mineral* (1735) de Luis Gomes Ferreyra.

Resultados

Morão inicialmente descreve as várias denominações usadas para a enfermidade:

Vários são os nomes que os nossos autores põem a esta enfermidade, ou a este acidente repentino, como podem ver os curiosos em João Honston, no livro 1.º, da sua *idea medica*, capítulo 2.º, porque além do nome de epilepsia em latim e gota-coral em português, lhe chamam uns *morbis puerilis*, enfermidade de meninos por eles serem, os que mais comumente padecem este acidente; outros lhe chamam de *morbis Herculeus*, porque dizem que Hércules padeceu este acidente; ou quiçá por se entender são comparadas as forças de Hércules às que no acidente enfermos fazem. Outros lhe chamam *morbis Comitialis*, que vale o mesmo que acidente ou mal da cabeça, ou do miolo, porque esta é a parte principal que neste acidente padece; outros lhe chamam *morbis Lunaticus*, pois de ordinário são os enfermos acometidos deste acidente nas ocasiões das luas, como é certo. Outros lhe chamam *morbis divinus*, por se ofenderem nele, não só as potências, e sentidos corpóreos, senão ainda as potências, ou sentidos espirituais, como é o entendimento pois até este se ofende neste acidente. Outros lhe chamam *morbis sonticus*, que vale o mesmo que contínuo, porque se o não cura se acabará o enfermo com maior brevidade; e finalmente outros lhe chamam *morbis caduans*, porque caem em terra todos aqueles que padecem este acidente (Morão 1965 p.147-148).

Faz uma breve conceituação da enfermidade e suas causas:

A qual definição nos está mostrando que irritado o cérebro, e ferido de humor maligno, ou vapor

que de lá sobe, o sacode de si; e como o mesmo miolo seria o tronco de todos os nervos, movendo-se ele, se movem os mais, e todos trabalham muito por lançarem fora de si tão maligno humor; o qual vemos sair no fim do acidente; uns lançando – o por espuma nos cantos da boca, outros lançando – o fora, pelo esperma; em muitos pelo suor, outros por urina, e finalmente lançando fora, se livram então do acidente, até que cheias outra vez as veias dos mesmos humores, tornam a cometer a cabeça, e fazer outro acidente, principalmente nas ocasiões de lua, nas conjunções máximas, nas mudanças de tempo, e hora das paixões, porque em todas essas ocasiões são os enfermos acometidos deste acidente repentino.

Das definições acima referidas se colhem manifestamente as causas, que fazem o acidente da gota-coral, e por ela vemos, serem duas somente, que são os humores que ofendem o miolo, ou os vapores, e fumaças que o ferem. [...] E nos atiramos com dizermos, que de todos os quatro humores se pode fazer este acidente, e querem alguns autores, que assim os humores como os vapores sejam malignos, e esta é a causa por que o miolo e a natureza os sacodem de si, valendo-se dos movimentos convulsivos, como de instrumento para os lançar fora, como em breve horas o faz (Morão 1965 p.149).

Quanto aos sinais que mostram que o que o acidente está para acontecer:

Os sinais que mostram o acidente que há-de vir são peso na cabeça, zunido nos ouvidos, candeias diante dos olhos, sonos turbulentos, indigestões no estômago, amarelidão na cara, peso em todo corpo, a urina delgada e crua, tremores nos nervos, fedor no nariz, amarelidão nas veias debaixo da língua, e finalmente vertigens a que nestas capitánias chamam ouras, e aqui se advirta, que para se conhecer o acidente que har-de vir, não é necessário, que apareçam todos estes sinais, senão alguns, ou maior parte deles (Morão 1965 p.151).

Descreve então os sinais que mostram o acidente presente:

Os sinais que mostram o acidente presente são cair em terra o enfermo, padecerem as partes do corpo tremores, ou movimentos convulsivos, rangerem os dentes, roncões no peito, e nas tripas; saírem involuntariamente o esperma, as fezes, a urina, e sair nos cantos da boca uma porção de espuma, que é o sinal evidente de ser gota-coral (Morão 1965 p.151).

Em seguida indica o princípio geral do tratamento que levaria a cura e a prevenção da “gota coral”:

A cura do acidente enquanto ele assiste é divertimos ou desviarmos para outras partes os humores ou as fumaças, que cometem a cabeça quando o tal acidente é simpático, que vale o mesmo que por comunicação de outras partes do corpo, e quando é idiopático gerado no mesmo miolo pede evacuações universais de sangrias, xaropes, purgas, pilulas e apóssimas, e para uma e outra cura medicamentos bezoárticos que são contrários a malignidade dos humores e dos vapores que o fazem, e além destes bezoárticos há outros medicamentos que chamam amuletos, que tem propriedade oculta contra este acidente da epilepsia (Morão 1965 p.15).

Contexto das prescrições zoterápicas:

Os amuletos que Zacuto¹ traz no capítulo da epilepsia para este acidente, são os seguintes: os pós de casco de homem tomados em quantidade de uma oitava, em água de betônica², ou de cerejas, e se o enfermo for macho há de ser o casco de macho; e se a doente for fêmea há de ser casco de fêmea (Morão 1965 p.158).

Os “pós de casco de homem” devem ser entendidos como pó das unhas humanas. Interessante no texto é que Morão faz a distinção dos gêneros no uso, conforme o sexo do paciente, se fosse homem deveria ser o pó das unhas de homem, se fosse mulher deveria ser de mulher (Quadro 1).

[...] que não sendo a criança capaz de se sangrar nos pés, por ser de muito tenra idade, havendo sanguessugas se lhe lançarão três nas coxas das pernas detrás dos joelhos, e não havendo sanguessugas, se lhe sarjem as barrigas das pernas [...] (Morão 1965 p.158).

Em o mesmo capítulo traz um remédio encarecido por Kufero, e o julga por excelente, e experimentado, e vem a ser almíscar dado em bom vinho por duas ou três vezes ao dia (Morão 1965 p.159).

O almíscar era obtido a partir de uma substância de forte odor, secretada por uma glândula do cervo-almíscarado, recomendava-se o seu uso para ser misturado ao vinho no tratamento da epilepsia. Era uma substância odorífera extraída de glândulas do cervo almíscarado. Stephenson (1832) e Moquin-Tandon (1861) referem-se a *Moschus moschiferus* registram o uso do almíscar no tratamento de um grande número de afecções espasmódicas e doenças de debilidade, como poderoso estimulante e antiespasmódico, aumentando a energia do cérebro e do sistema nervoso, especialmente na histeria, epilepsia e tétano.

Untem também o espinhaço do menino e os membros que se encolhem; com este linimento, tomem de óleo de arruda e de minhocas de cada um duas onças, de óleo de castóreo uma oitava de aguardente do Reino pouca misturem-se, e com pouca cera se faça linimento [...] (Morão 1965 p.159).

¹Trata-se de Zacuto Lusitano nascido em Lisboa, em 1575, e, embora tenha vivido em Portugal a maior parte da sua vida (50 anos), é conhecido sobretudo pelo tempo em que viveu no estrangeiro (17 anos). Era descendente de uma família de judeus, e era cristão-novo. Orgulhava-se dos seus ascendentes, sendo era trineto de Abraão Ben Samuel Zacuto (c. 1450- 1532), o astrónomo, autor do Almanaque Perpétuo. Doutorou-se em Salamanca com 21 anos em 1596 e foi para Coimbra praticar durante dois anos o exercício da Medicina. Foi então para Lisboa e lá presenciou e curou doentes na epidemia de peste de 1600. A 21 de Janeiro de 1642, Zacuto Lusitano falecia em Amsterdã Entre outras obras médicas, escreveu a *Praxis medica admiranda* (1634).

²*Betonica officinalis* L., Lamiaceae

O castóreo é uma substância extraída da glândula anal do castor; como linimento para ser aplicado nos espasmos e convulsões (Stephenson 1832, p.25; Allen 1869, p.113).

[...] o segundo é o fel do cachorrinho que mama, gabado por Untezero autor grave, e se o cachorrinho for negro melhor; e se o acidente for em mulher, seja cachorrinha, e se for homem cachorrinho, e o matarão afogando-o, e aberto lhe tirem o fel, e nele acharão três, ou quatro gotas de cólera, e lhes darão a beber em água de cereja e se experimentará por milagroso remédio (Morão 1965, p.159).

Os “cachorrinhos” eram aplicados filhotes recém abertos e ainda quentes na cabeça dos pacientes de “mania”; Segundo recomendação de Mathias Untzer³ adotada por Morão, na epilepsia recomendava-se o “fel” (bile) de filhotes de cor preta que ainda estivessem mamando, que deveriam ser mortos por afogamento, se o paciente fosse homem deveriam ser machos, se fosse mulher deveriam ser fêmeas.

As gotas de “fel” deveriam ser bebidas em água de cerejas (Quadro 1):

D. Pedro Micael de Herédia⁴ traz também por amuleto a unha da grã besta, e a peônia⁵ trazida ao pescoço [...] (Morão 1965, p.159).

Como amuleto contra a “gota coral” a “unha da grã-besta” às vezes era substituída pelo próprio casco de burro (Quadro 1):

Tomem de raízes de peônia máscula, e colhida com as circunstâncias no parágrafo acima referidas; e raladas estas raízes assim cruas, e lavadas as ferverão em açúcar clarificado a fogo brando, e em vaso vidrado, e feita como conserva se guarda em outro vaso vidrado e tomando desta conserva uma libra lhe juntem fora do lume de aljôfar preparado, de coral, e de corno de veado todos preparados de cada coisa uma oitava, com alguns pós de canela fina, e se lhe juntarem também uns pós de carne de lobo torrada pela propriedade que tem para estes acidentes epilépticos melhor será (Morão 1965, p.160).

Quadro 1: Prescrições zoterápicas no tratamento e prevenção da “gota coral” segundo Morão (1677).

| Denominações de Morão (1677) | Partes e formas usadas | Possível identificação das espécies |
|------------------------------|------------------------|---|
| Sanguessugas | aplicação local | Hirudo medicinales (Linnaeus, 1758); Hirudiniadae |
| Minhocas | óleo | Anellida; Oligochaeta |
| Aljôfar | pó | <i>Ostrea</i> sp.; Ostreidae |
| Coral | pó | <i>Corallium rubrum</i> (Linnaeus, 1758); Corallidae |
| Almíscar | com vinho | <i>Moschus</i> sp.; Moschidae |
| Castóreo | óleo | <i>Castor fiber</i> (Linnaeus, 1758); Castoridae |
| Cachorrinho | gotas de bílis | <i>Canis lupus familiaris</i> (Linnaeus, 1758); Canidae |
| Lobo | pó da carne | <i>Canis lupus</i> (Linnaeus, 1758); Canidae. |
| Grã besta | casco como amuleto | <i>Alces alces</i> (Linnaeus, 1758); Cervidae |
| Veado | pó de chifres | <i>Cervus elaphus</i> (Linnaeus, 1758); Cervidae |
| Casco de homem | pó de unhas | <i>Homo sapiens sapiens</i> (Linnaeus, 1758); Hominidae |

³M. Untzer (1581-1624): Médico paracelsiano autor da obra sobre a epilepsia *Ieronosologia chymiatrica*. Hoc est epilepsiae seu morbi sacri, accuratissima: juxta Hippocratico-Galenica atque Hermetica principia, descriptio ejusdemque per remedia ... cum dogmaticorum, tum chymicorum, methodica curatio (1616)

⁴Trata-se do médico espanhol Pedro Miguel de Heredia (1590-1659)

⁵*Paeonia officinalis* L., Ranunculaceae.

Para Semmedo (1697, p.62-76) o conceito da enfermidade:

Gota Coral, conforme diz Galeno, é um movimento convulsivo de todas as partes do corpo, que não dura sempre, como o Opistótono e o Tétano, mas repete por intervalos com privação das principais ações da vida. A causa principal desta doença, ou são humores grossos ou vapores acres que ofendem o cérebro, não tanto com a quantidade obstruindo-o (porque então se faria o achaque a que os Doutores chamam Caro) quanto com a qualidade perniciosa irritando-o, para que deite fora de si o que é danoso, e nesta concussão e pendência se faz o acidente; e suposto não nego que do sangue e da cólera podiam algumas vezes proceder estes accidentes, contudo é opinião de Hipócrates que mais ordinariamente procede de fleuma ou melancolia, como se confirma com a experiência, que os Doutores Falconet e Marquiz, citados por Esponio, fizeram em Londres na cabeça de um epilético, em que se acharam algumas veias jugulares cheias e obstruídas com humor viscoso e grosso a modo de gesso, o qual impedindo a circulação, foi causa de que regurgitasse muita água no cérebro e o fez muito sonolento e crescendo a água com o tempo, se veio a fazer acre e produziu os accidentes, crescendo mais as obstruções, se encheram os ventrículos do cérebro e fez tão fortes accidentes que mataram o doente. Semelhante caso a este observou Pedro Borello.

A parte ofendida são os ventrículos do cérebro, que estão no meio e os últimos, porque nestes costumam residir os espíritos animais e não se podendo estes comunicar às outras partes, é

sinal que nos tais ventrículos ocorre a obstrução, mas porque os humores ou vapores, que são causa destes accidentes, se podem criar no mesmo cérebro, ou se podem comunicar de outras partes, é necessário distinguí-los na forma seguinte.

De acordo com Semmedo (1697) a “gota coral” variava em seus sinais e efeitos conforme a procedência dos humores nascidos no cérebro ou vindo por comunicação do estômago, veias, das mãos, pernas e braços, lombrigas e alimentos corruptos.

Contexto das prescrições zoterápicas:

Ponhamos um cáustico de cantáridas por toda a cabeça, deixando-o ficar aberto por tempo de um mês, para que desta forte se evacuem os humores nocivos e se exale algum vapor ou aura venenosa e se alcance a saúde desejada; porque verdadeiramente esta é a chave mestra, que abre as portas para se irem os sobreditos accidentes.

As cantáridas conhecidas na literatura como “spanish fly”, eram empregadas na medicina antiga, trituradas ou em pó, como vesicatório e em beberagens para fins diuréticos ou afrodisíacos. Dessecadas ou reduzidas a pó eram guardadas pelos boticários em recipientes bem fechados. Assim conservadas, mantinham durante anos a propriedade vesicante devida ao princípio ativo e tóxico que nelas se contém (cantaridina) (Lima 1955, p.6-7) (Quadro 2).

E se o doente for tão medroso que não queira tomar o Quintílio⁶, por recear os vômitos, em tal caso se prepare com xarope de hissopo⁷, ou de betônica, ou com mel rosado⁸, ou com oximel⁹ simples, desatados em cozimento de

⁶Neste texto o autor defende o uso do antimônio em pó (quintílio) no tratamento da epilepsia. O antimônio foi popularizado na forma de um remédio secreto, os “Pós de Quintílio” que foi uma invenção do médico espanhol Alejandro Quintillo. Semmedo foi um dos principais divulgadores do seu uso terapêutico.

⁷*Hyssopus officinalis* L., Lamiaceae

⁸Mel rosado é um medicamento, composto por extrato de rosa-rubra e mel puro. Adstringente, serve para o tratamento de estomatite e afecções bucais diversas.

⁹Bebida composta de água, vinagre e mel.

hissopo, ou de raiz de peônia, purgando depois disso com duas oitavas de pílulas de Hera, misturando-as com seis grãos de Castóreo, tomando estas pílulas quinze ou vinte dias alternados, porque de outra forma, que quiser curar doenças rebeldes sem usar dos remédios mais eficazes e muito repetidos, cansa-se inutilmente e quiçá seja esta causa, porque dizem gravíssimos Autores que nem a Gota Coral, nem outras grandes doenças se curam nestes nossos tempos, porque os Médicos não passam dos remédios leves, nem os continuam muitos dias.

O “castóreo” mencionado é a secreção oleosa glandular do castor, que o animal usa para se impermeabilizar, engordurando sua pelagem. As glândulas secretoras situam-se junto aos órgãos genitais. Tem a cor parda, sólida, forte odor característico, é composta basicamente por colesterol, ácido benzóico e ácido salicílico, tendo seu uso em perfumaria e na farmacologia, como estimulante e antiespasmódico (Quadro 2).

Das cristas das galinhas e dos frangões se faz uma iguaria, a que os estrangeiros chamam Fricassé, com que se preservava Heliogaballo¹⁰ dos acidentes de Gota Coral, porque tem virtude específica contra esta enfermidade.

Galinhas e “Frangões” também eram usadas como emplastro aplicado na planta dos pés para “revelir” e “atrair” os humores das partes superiores do corpo dos pacientes (isto é, da cabeça e estômago), também eram usadas para aplicar-se à cabeça dos pacientes de “frenesi”, baseado em Mercurial usava um “frangão” aberto na sutura coronal para “abrir os poros da cabeça” e atrair os humores. Peitos de galinha meio assados borrifados com vinho aplicados no estômago e clisteres de

caldo de galinha eram usados no tratamento das “febres malignas”; nos “desmaios” as substâncias destiladas em banho Maria de galinha e “capão” eram dadas aos pacientes para beber (Quadro 2):

Tomem de folhas de malva, de losna¹¹ e de choupo¹², de cada coisa destas uma mão cheia, tudo se coza mediocrementemente e se pise muito bem com um pouco de fermento, manteiga de porco sem sal, azeite de cádea de baixo e fazendo um bolo se ponha sobre o estômago e se renove três dias e não só se descoalhará o leite, mas se tirará o [...] Nem é menos louvável aplicar sobre o estômago um pouco de hortelã pisado com folhas de couve e Aipo, misturando tudo com um pouco de coalho de cabrito e umas gotas de vinagre. O coalho de cabrito desatado em cozimento de neveda¹³, dado a beber, descoalha o leite por especial propriedade.

Leite de cabra era usado como “repercussivo largo” para beber nas “vigias” e dores de cabeça como sonífero usado como “emborcação” de leite de cabra; o seu soro era usado em gargarejos junto com outros produtos para aliviar a sede e “secura da boca” dos pacientes (Quadro 2):

Tomem de testículos de porco montês, ou em falta deles de porco varrão, duas onças, de testículos de galo velho uma onça, tudo se seque à fogo lento e se faça em pó, e de tudo misturado se darão a cada dia duas oitavas em caldo de galinha, por doze ou quinze dias, estando o corpo bem evacuado e espero que vejam um bom efeito.

O terceiro remédio é dar nove dias ao doente três onças de água cozida com raiz de peônia negra¹⁴ que é a melhor, deitando nesta oito gotas de fel de cachorrinho de mama, morto naquele instante, e em lugar do fel do

¹⁰Heliogábalo (203 — 11 de março de 222), também conhecido como Elagábalo ou Marco Aurélio Antonino (em latim Marcus Aurelius Antoninus), foi um Imperador Romano da Dinastia Severa que reinou de 218 a 222.

¹¹*Artemisia absinthium* L., Asteraceae.

¹²*Populus tremula* L. Salicaceae.

¹³*Nepeta cataria* L. Lamiaceae (erva-dos-gatos)

¹⁴*Papaver somniferum* L. var. *paeniflorum*, Papaveraceae.

cachorrinho de mama, podem dar vinte grãos de unha da grã besta, calcinada filosoficamente, quero dizer, calcinada por vapor de água fervente, e de nenhuma sorte seja queimada no fogo, como erradamente fazem ao marfim e ao osso de veado; porque como a virtude desta unha e do osso de veado e marfim consiste no sal volátil, facilmente se perde quando se queimam.

O quarto remédio é o seguinte: tomem de flor de alecrim uma onça, de fígado de Lobo seco duas onças, de semente de peônia macho (que é negra) meia onça, de âmbar gris doze grãos, de castóreo um escrópulo¹⁵, de triaga magna meia onça, de tudo se faça electuário com xarope de hissopo, do qual tomem todos os dias (depois de bem purgados) oitava e meia, e de oito em oito dias se purgue com infusão de sene e agárico, a que ajuntem uma oitava de cremor de Tártaro¹⁶ verdadeiramente preparado.

O “âmbar gris” é uma secreção biliar, aparentemente destinada a envolver matérias indigestíveis, é uma substância sólida, gordurosa e inflamável, em geral de cor cinza fosco ou enegrecido, podendo contudo ter cor castanho escuro ou ser variegada com aspecto marmóreo, forma-se no intestino do cachalote. Foi de grande valor como fixante em perfumaria. Era considerado um produto misterioso e por isso reputado como tendo propriedades curativas, afrodisíacas e mesmo mágicas. Os homens transformavam o âmbar-gris em pó e o ingeriam para ganhar mais força e virilidade, combater males do coração e do cérebro e ainda temperar alimentos e bebidas. Os chineses o chamavam de “fragrância da saliva do dragão”. Os antigos egípcios o queimavam como incenso. Um tratado médico inglês da Idade Média informa aos leitores que o âmbar-gris pode acabar com dores de cabeça, resfriados e epilepsia, entre outras doenças.

Tomem uma Toupeira esfolada, tirem-lhe as entranhas e sequem-na em forno forte que se possa fazer em pó e deste dêem cada dia uma oitava em água cozida com hissopo.

Tomem no mês de março dois corvinhos no ninho, quando ainda tem poucas penas, em uma panela nova barrada se sequem no forno e feitos em pó guardem (que duram três anos) e deste pó darão duas oitavas de manhã e outras duas de tarde em água cozida com hissopo ou Cardo Santo. É alto segredo para a Gota Coral, dar ao doente meia casca de ovo com seu próprio sangue, tirado na hora do acidente, misturado com uma gema de ovo mole. Dizem os indagadores dos segredos naturais que este remédio não só tira o mal, mas proíbe que torne.

O remédio que se faz de meia onça de casco de caveira de homem que não morresse de doença, nem fosse enterrado, duas oitavas de unha de burro que não esteja no cio, oitava e meia de visco quercino e oitava e meia de semente de Peônia colhida no minguante da Lua, dando disto uma oitava é bom remédio.

Se sobre a sutura coronal, onde as velhas chamam Moleira, raspada primeiro à navalha, puserem o seguinte emplastro, conseguiriam grande alívio: tomem de Alambre branco, de Incenso macho, de Galbano, de Opoponaco, de cada coisa oitava e meia, de visco quercino duas oitavas, de âmbar seis grãos, de almíscar três, de semente de Peônia macho oitava e meia, de Láudano oitava e meia, ajuntem a todas estas coisas umas gotas de óleo de noz moscada e estendendo tudo isto em um couro de luva se pulverize com pó de Cubebas e traga muitos dias no lugar apontado.

Consta de graves Autores que depois dos epiléticos estarem evacuados, sararão muitos com sangue de Doninha preparado da maneira

¹⁵unidades de pêso antigos, escrópulo 1,1953 g; onça 28,6872 g; oitava 3,5859 g

¹⁶Sal isento de sódio bastante utilizado na cozinha, principalmente em confeitarias e padarias. Quimicamente é o Bitartarato de potássio, também chamado hidrogeno tartarato de potássio. É um subproduto da fabricação de vinho

seguinte: degolem uma Doninha pelo pescoço, aparando o sangue numa tigela de barro virgem, para que limpe o soro e umidade supérflua do sangue e quando for consumida a umidade, façam o sangue em talhadinhas delgadas e sequem-se à sombra e depois de bem secas se guarde em vaso fechado e deste sangue darão ao doente um escrúpulo todos os dias com água de cerejas negras, ou cozida com hissopo ou com Ruta Capraria.

Um dos remédios em que se faz muita confiança na cura da Gota Coral é dar ao doente uma oitava de pó de raiz de Filipendula¹⁷, ou de Valeriana agreste, com uma colher de mel, por doze dias. Advertindo, porém, que depois de dado este remédio, se deve dar ao doente pedra cordial, ou alguma coisa sudorífera e cardíaca. Se nos minguantes das Luas derem ao doente, em dias alternados, uma oitava de pó de esterco de Pavão macho, estando o corpo bem evacuado, observarão um grande efeito. A mesma virtude tem o pó de fígado de Lobo dado em água de Ruta Capraria¹⁸ ou de Cardo Santo¹⁹. Da pele de Lobo que fica sobre o espinhaço, se faz um cinto, que trazido junto da carne, preserva do Gota Coral, como afirma a experiência.

A Pedra Cordial ou Pedra de Goa era um bezoário artificial preparado pelos boticários jesuítas do Convento de São Paulo, em Goa, na Índia Portuguesa dos séculos XVII e XVIII. Era feita segundo receita secreta a partir de uma mistura de argila, lodo, conchas, âmbar, almíscar, resina, pó de dente de narval, pedras preciosas e ópio. Era utilizada como medicamento para diferentes males, como dores ou febres, esfregando a pedra ou raspando-a (Quadro 2):

Traga sempre a unha da grã besta atada ao braço esquerdo, porque obra grandes efeitos nestes acidentes por virtude oculta que Deus lhe deu e

porque nem todos podem alcançar a unha da grã besta, em seu lugar usem a unha do pé direito do burro e observarão o mesmo bom efeito.

Tomem o fel de dois Cágados, ajuntem-lhe duas oitavas de triaga de esmeraldas, meia onça de sumo de Arruda Capraria, meia oitava de pó sutilíssimo de osso de Veado que não seja queimado, meia oitava de unha da grã besta, outra meia oitava e cinza de Andorinha, com um escrúpulo de raiz de peônia macho e doze grãos de Incenso macho, de tudo se forme um lambedor com óleo de gergelim, de amêndoas doces, mel branquíssimo e açúcar e deste se dará à criança, antes de mamar, uma colher.

Nem é menos admirável medicamento, assim para as mulheres, como para os homens, defumá-los com aparas de unhas de burro, porquanto a dita unha, na opinião de muitos Autores, tem a mesma virtude que a unha da grã besta. Alguns dão uma oitava do pó da unha direita do burro, desatada em quatro onças de água de cardo santo, continuando este remédio oito ou nove dias e observam grande utilidade. Trazer no braço uma manilha da unha do pé direito do burro, ou no dedo um anel da mesma unha, tem tão grande virtude contra os acidentes de Gota Coral, como tem a unha da grã besta: assim o refere Abraham Ecchellense²⁰.

Em todos os acidentes que ofenderem os nervos como são a Gota Coral, paralisia, apoplexia e convulsão, usemos de remédios antiespasmódicos, entre os quais é o seguinte o que em mais confio: tomem de magistério de prata preparado sem corrosivo uma oitava, de magistério de casco de caveira de homem, que não morresse de doença, nem fosse enterrada, três oitavas, de magistério de alambre três oitavas, de cinzas de Andorinhas e Toupeiras, de cada coisa destas quatro escrópulos, de

¹⁷*Filipendula ulmaria* (L.) Maxim. Rosaceae.

¹⁸*Galega officinalis* L., Fabaceae

¹⁹*Cnicus benedictus* L., Asteraceae

²⁰Ibrahim al-Haqilani (1605-1664), filósofo e lingüista maronita sírio.

coral vermelho e de aljôfar, de cada coisa destas uma oitava e meia, de açúcar cande rosado meia onça, tudo se misture, e em água de cerejas negras, ou de cardo santo se dará cada dia uma oitava até quatro escrópulos.

“Aljôfar” são pérolas miúdas e desiguais, material orgânico duro e esférico produzido por ostras, em reação a corpos estranhos que invadem o seu organismo (Quadro 2).

Sobre a Gota Coral escreve o cirurgião Luis Gomes Ferreyra:

Estando a pessoa com acidente de gota coral, busquem uma menina virgem e ponham os seus dedos da mão em cima dos peitos do enfermo, que logo tornará a si, e não continuará mais tempo o acidente; também as pedras, que se acham no ventre de algumas andorinhas, que estão ainda no ninho, tiradas no mingunte da

Quadro 2: Prescrições zoterápicas no tratamento e prevenção da “gota coral” segundo Semmedo (1697).

| Denominações de Semmedo (1697) | Partes e formas usadas | Possível identificação das espécies |
|---------------------------------------|-------------------------------|---|
| Coral vermelho | | <i>Corallium rubrum</i> (Linnaeus, 1758); Corallidae |
| Aljôfar | | <i>Ostrea</i> sp. Ostreidae |
| Cantáridas | cáustico em pó | <i>Lytta vesicatoria</i> (Linnaeus, 1758); Meloidae. |
| Cágado | bilis de dois cágados | <i>Mauremys leprosa</i> (Schweiger, 1812) Emydidae |
| Galinhas e frangões | cristas | <i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758); Phasianidae |
| Corvinhos | pó do corpo inteiro | <i>Corvus corax</i> (Linnaeus, 1758); Corvidae |
| Pavão macho | pó das fezes | <i>Pavo cristatus</i> (Linnaeus, 1758); Phasianidae |
| Castóreo | grãos | <i>Castor fiber</i> (Linnaeus, 1758); Castoridae |
| Porco | manteiga | <i>Sus scrofa domestica</i> (Linnaeus, 1758); Suidae |
| Porco montês | testículos | <i>Sus scrofa</i> (Linnaeus, 1758); Suidae. |
| Cabruto | coalho | <i>Capra aegagrus hircus</i> (Linnaeus, 1758); Bovidae |
| Grã besta | grãos do casco | <i>Alces alces</i> (Linnaeus, 1758); Cervidae |
| Veado | pó de ossos | <i>Cervus elaphus</i> (Linnaeus, 1758); Cervidae |
| Almíscar | | <i>Moschus moschiferus</i> L., 1758, Moschidae |
| Burro | aparas do casco | <i>Equus asinus</i> (Linnaeus, 1758); Equidae |
| Cachorrinho | gotas de bílis | <i>Canis lupus familiaris</i> (L., 1758) Canidae |
| Lobo | figado seco | <i>Canis lupus</i> (Linnaeus, 1758); Canidae |
| Toupeira | pó do intestino | <i>Talpa europaea</i> (Linnaeus, 1758); Talpidae |
| Doninha | sangue | <i>Mustela nivalis</i> L., 1766, Mustelidae |
| Marfim | pó das presas | <i>Loxodonta</i> sp. Elephantidae |
| Âmbar gris | doze grãos | <i>Physeter macrocephalus</i> (Linnaeus, 1758); Physeteridae |
| Homem | pó de ossos do crânio humano | <i>Homo sapiens sapiens</i> (Linnaeus, 1758); Hominidae |

Lua e trazidas ao pescoço ou atadas no buxo do braço, livra dos ditos acidentes; certamente, o guizo da cobra cascavel do Brasil trazido debaixo do sovaco livra dos tais acidentes, tudo por virtude ocula, que Deus lhe deu (Ferreyra 1735, p.208).

Discussão

O referencial teórico utilizado por Morão, Semmedo e Ferreyra era a medicina humoral-hipocrática-galênica com expressiva influência árabe, a qual se constituiu no principal campo de explicação racional para a saúde e suas enfermidades. Utilizada entre o Século IV a.C. e o Século XVII, segundo a qual a vida era mantida através do equilíbrio dos quatro humores: Sangue (do coração), Fleuma (do cérebro), BÍlis amarela (do fígado) e BÍlis negra (do baço), cada um com determinadas qualidades.

Embora sob o mesmo referencial teórico da medicina humoral, comparando-se os conceitos e as prescrições zoterápicas dos três médicos portugueses, notam-se algumas diferenças fundamentais.

Quadro 3: Prescrições zoterápicas de amuletos na prevenção da “gota coral” segundo Ferreyra (1735).

| Denominações de Ferreyra (1735) | Partes e formas usadas | Possível identificação das espécies |
|---------------------------------|-------------------------------------|--|
| Cobra cascavel do Brasil | Guizo usado como amuleto | <i>Crotalus durissus</i> (Linnaeus, 1758); Viperidae |
| Andorinhas | Pedras do ventre como amuleto | <i>Delichon urbicum</i> (Linnaeus, 1758); Hirundinidae |
| Menina virgem | Toque dos dedos no peito do enfermo | <i>Homo sapiens sapiens</i> (Linnaeus, 1758); Hominidae |

Os conceitos da doença de Morão e Semmedo são muito semelhantes e expressam a crença de que o “acidente” era provocado pelo excesso de humores ou vapores no cérebro. Para Morão as convulsões dos pacientes tinham como objetivo expelir o excesso desses humores e para Semmedo o acidente era causado pela “obstrução dos ventrículos do cérebro”.

A maior parte das prescrições dos dois autores eram baseadas em autores clássicos da medicina.

Algumas prescrições são comuns (quadros 1 e 2) aos dois autores tais como as do coral vermelho, do aljôfar, do almíscar, do castóreo e da bile de filhotes de cães. Outras, mesmo se tratando dos mesmos animais, eram prescritas diferentemente pelos autores tais como no caso do veado, do lobo, do casco dos alces (“grã-besta”) e do próprio homem. Destas são muito diferentes as prescrições do cirurgião Ferreyra. Enquanto Morão e Semmedo eram médicos de formação erudita, como prova o número de citações de autores clássicos nas suas obras, Ferreyra era um simples cirurgião, na época de formação médica abreviada. Suas prescrições são especificamente de amuletos para prevenção dos “acidentes”, entre os quais ele inclui “o guizo da cobra cascavel do Brasil” (quadro 3).

A utilização de amuletos se constata em todas as culturas desde a mais remota antiguidade, atribuíam-lhes poderes para preservar a pessoas e animais das enfermidades e malefícios. No caso da epilepsia, o uso da cor vermelha nas roupas e colares para afastar os demônios.

Ainda em pleno Século das Luzes, um discípulo de Lineu, Jonas Sidren (1723-1799), professor de medicina e anatomia da Universidade de Upsala, fez um minucioso registro dos recursos zoterápicas, entre os quais se destacam os usados contra a epilepsia (Sidren 1762, p.281-305):

1. Raspa do crânio humano (*Homo sapiens sapiens*; Linnaeus, 1758; Hominidae).

2. Bile e gordura do urso pardo (*Ursus arctos*; Linnaeus, 1758; Ursidae)
3. Ossos de lebre (*Lepus timidus*; Linnaeus, 1758; Leporidae)
4. Óleo de castor (Castóreo) (*Castor fiber*; Linnaeus, 1758; Castoridae)
5. Raspas de dentes de hipopótamo (*Hippopotamus amphibius*; Linnaeus, 1758; Hippopotamidae)
6. Raspas do chifre de veados (*Cervus alces* e *C. elaphus*; Linnaeus, 1758; Cervidae)
7. Esterco de pavão (*Pavo cristatus*; Linnaeus, 1758; Phasianidae)
8. Defumador de penas de perdiz (*Tetrao perdix*; Linnaeus, 1758; ou *Perdix perdix*, Phasianidae)
9. Pedras da carpa (*Cyprinus carpio*; Linnaeus, 1758; Cyprinidae)
10. Cera do bicho-da-seda (*Phalaena mori* ou *Bombyx mori*; Linnaeus, 1758; Bombycidae).

Poucas doenças são tão cercadas de tabus e preconceitos como a epilepsia. A marginalização social de alguém que sofre com esta doença não se deu apenas em um momento na história, já assumiu diversas formas e mecanismos, sempre articulados às mentalidades de uma temporalidade específica. A exclusão reflete um quadro histórico determinado que, ao produzir diversos objetos, indícios e manifestações culturais, deixa transparecer, se devidamente questionado, como uma determinada sociedade criou, naquele momento, uma rede de significados e relações sociais que, por algum motivo, discriminou o doente de epilepsia. O preconceito é muito grande e muitas vezes, é considerado mais estressante e prejudicial do que a própria condição em si. O rótulo de ser "epiléptico", muitas vezes associado à "personalidade epiléptica" leva à atenção pública, que por sua vez, conduz à atitudes de discriminação. Na epilepsia, o estigma tem sido considerado um dos mais significativos fatores que influenciam negativamente a vida diária do paciente e sua família. O estigma afeta as pessoas de diferentes maneiras, podendo influenciar as relações sociais, as oportunidades escolares e de emprego e os aspectos emocionais. A epilepsia é uma condição estigmatizante, pois as pessoas não se adequam às normas sociais devido às crises imprevisíveis,

muitas vezes de natureza dramática. Com isso, a sociedade tem medo de lidar com uma pessoa tendo crise epiléptica (Fernandes e Li 2006).

Em momentos históricos a enfermidade era considerada como um castigo que os deuses infligiam ao homem. A epilepsia chegou até a ser considerada como contagiosa como a lepra, gerando um processo de isolamento dos enfermos e se lhes atribuiu qualidades tratáveis por procedimentos de exorcismo.

Havia também uma interpretação demoníaca da enfermidade, segundo a qual esta derivava da ação de um ser, de natureza espiritual ou pneumática (daimón), que entrava no paciente, sacudindo-o e golpeando-o. Esta posse poderia ser de caráter momentâneo ou permanente (possessão demoníaca). As quedas repentinas e as sacudidas, os estremecimentos e calafrios da febre elevada, se concebiam como a segunda forma da ação demoníaca. O paciente parecia debater-se contra o assalto de um ser mais poderoso e invisível (Glancszpigel 2006).

Outra teoria explicativa da doença era a simpatia lunar, oriunda da medicina astrológica, sobre o influxo das fases da lua nos seres vivos, como por exemplo no ciclo menstrual da mulher e em certas enfermidades como a epilepsia, as fases da lua e seu curso serviam de base para o prognóstico de enfermidades, sobretudo as suas mudanças de umidade causadas pelas suas fases muito relacionada aos ataques de epilepsia, já que se concebia como sua causa uma umidade excessiva no cérebro causada pela fleuma (Glancszpigel 2006).

Ao nível científico muitos esforços têm sido feitos na identificação e uso dos produtos terapêuticos de origem animal. De acordo com Costa-Neto e Resende (2004) muitas pesquisas têm confirmado o que os praticantes da zooterapia conhecem e vêm empregando há séculos (Tabla 4).

Atualmente os animais usados no tratamento da epilepsia são referenciados pela pesquisa etnozoológica, tais como, no Norte do Brasil, os defumadores de penas de diversas aves silvestres (*Tinamus* sp., *Psophia* sp., *Crax* spp.) pêlos de

“raposas” (Didelphidae) e do tamanduá bandeira, o ninho do caurezinho, o "breu" do sapo cunuaru e a gordura do boto, de jacarés (banha, dente e couro) do “jacaré-tinga” e do “jacaré-açu” (Silva 2008).

No Nordeste do Brasil, as penas do “zabelê”, o coração do “urubu de cabeça vermelha” e “urubu de cabeça preta” e o ninho da “garrincha” (Costa-Neto 2009).

O pó das cinzas do “caranguejo aratu”, e do besouro denominado “barata-de-coqueiro” também são usados no tratamento zoterápico (Alves *et al.* 2007, Alves 2009).

Até o “chá do cordão umbilical” de crianças recém nascidas é usado como remédio contra a epilepsia (Van der Poel, s/d) (Quadro 4). Como se vê, muito pouco ficou da zooterapia usada pelos médicos coloniais portugueses.

Entretanto, para a medicina alopático-acadêmica a cura total para a epilepsia ainda é inexistente. Cirurgias e remédios controlados são eficazes para o controle das crises o que garante uma menor contingência dos ataques levando aos pacientes um paliativo essencial para o convívio social do indivíduo.

Quadro 4: Prescrições zoterápicas usadas no tratamento e prevenção da epilepsia pela zooterapia popular.

| Denominações populares | Partes e formas usadas | Possível identificação das espécies |
|-------------------------------|-------------------------------|--|
| Barata-de-coqueiro | pó das cinzas | <i>Coraliomela brunnea</i> Thumberg, 1821, Chrysomelidae |
| Caranguejo aratu | pó das cinzas | <i>Aratus pisonii</i> (H. Milne Edwards, 1837. Grapsidae |
| Sapo cunuaru | “breu” | <i>Phrynohyas resinifictrix</i> (Goeldi, 1907), Hilidae |
| Jacaré-tinga | banha, dentes e couro | <i>Caiman crocodilus</i> (Linnaeus, 1758), Alligatoridae |
| Jacaré-açu | banha, dentes e couro | <i>Melanosuchus niger</i> Spix, 1825, Alligatoridae |
| Macuco | defumador de penas | <i>Tinamus</i> sp. Tinamidae |
| Jacamim | defumador de penas | <i>Psophia</i> sp. Psophiidae |
| Mutum | defumador de penas | <i>Crax</i> spp. Cracidae. |
| Caurezinho | defumador do ninho | <i>Falco rufigularis</i> (Daudin, 1800), Falconidae |
| Garrincha | defumador do ninho | <i>Troglodytes musculus</i> Nauman, 1823, Troglodytidae |
| Zabelê | defumador de penas | <i>Crypturellus noctivagus zabele</i> Spix, 1825, Tinamidae |
| Urubu de cabeça vermelha | coração | <i>Cathartes aura</i> Linnaeus, 1758, Cinoniidae |
| Urubu de cabeça preta | coração | <i>Coragyps atratus</i> Bechstein, 1793, Cathartidae |
| Gambá | defumador de pelos | <i>Didelphis</i> spp. Didelphidae |
| Tamanduá bandeira | defumador de pelos | <i>Myrmecophaga tridactyla</i> Linnaeus, 1758, Myrmecophagidae |
| Boto | gordura | <i>Inia geoffrensis</i> (de Blainville, 1817) Iniidae |
| Criança recém nascida | chá do cordão umbilical | <i>Homo sapiens sapiens</i> Linnaeus, 1758, Hominidae |

Literatura citada

- Almeida, A.V. 2008. Descrição e tratamento do transtorno da "mania" em Pernambuco segundo o médico Simão Pinheiro Morão (c.1618-1685). *Pschiatry on line Brasil*, v.13, n.11.
- Allen, H. 1869. *Outlines of comparative anatomy and medical zoology*. Philadelphia: J.B. Lippincott y Co.
- Alves, R.R.N.; I.L., Rosa e G.G., Santana. 2007. The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. *BioScience*, 57: 949-955.
- Alves, R.R.N. 2009. Fauna used in popular medicine in Northeast Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 5:1-11.
- Fernandes, P.T. e L.M., Li. 2006. Percepção de estigma na epilepsia. *Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology*. 12: 207-218.
- Ferreira, L.G. 1735. *Erario Mineral*. Officina de Miguel Rodrigues, Lisboa.
- Forster, F.M. 1969. *Manual de Neurologia*., Ed. Mestre Jou, São Paulo.
- Lima, A.M.C. 1955. *Insetos do Brasil*. Escola Nacional de Agronomia, Rio de Janeiro, 90 tomo, Coleópteros, 3a parte.
- Costa-Neto, E.M. 2006. Os moluscos na zooterapia: medicina tradicional e importância clínico-farmacológica. *Biotemas*, 19: 71-78.
- Costa-Neto, E.M. 2009. A zooterapia popular no Estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 1: 1-2.
- Fernandes, M. 1926. *O mal sagrado*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Porto, Portugal.
- Glanczspigel, R. 2006. *Conceptos e interpretaciones de la epilepsia a través del tiempo I.- Desde la antigüedad hasta el Corpus Hippocraticum en Grecia*. Disponível Em: www.psicounc.org
- Gomes, M.M. 2006. História da epilepsia: um ponto de vista epistemológico. *Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology*. 12: 161-167.
- Moquin-Tandon, A. 1861. *Elements of medical zoology*. H.Baillière Publisher, London.
- Morão, S.P. 1965 [1677]. *Queixas repetidas em ecos dos arrecifes de Pernambuco contra os abusos médicos que nas suas capitánias se observam tanto em dano das vidas dos seus habitantes*. Junta de Investigações de Ultramar, Lisboa.
- Posey, D.A. 1980. Consideraciones etnoentomológicas sobre los grupos ameríndios. *América Indígena*. 40: 105-120.
- Santos, G.S. 2005. A arte de sangrar na Lisboa do antigo regime. *Tempo*. 19: 43-60.
- Semmedo, J.C. 1697. *Polyanthea Medicinal: noticias galenicis e chymicas*. Officina de Miguel Deslandes, Lisboa.
- Sidren J. 1762. *Materia medica e regno animale*. In: Linnaei, C. *Amoenitates academicae*.: Impensis Direct. Laurenti Salvii, v.2, Holmiae.
- Silva, A.L. 2008. Animais medicinais: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi Cienc. Hum.* 3: 343-357.
- Soares, P.J.R. 2004. Aspectos Psiquiátricos das Epilepsias. *Psychiatry On-line Brazil*, 9.
- Stephenson, J. 1832. *Medical zoology and mineralogy*. John Wilson, London.
- Rodrigues, A.G. 2001 *Buscando raízes*. *Horizontes Antropológicos*, 16: 131-144.
- Van Der Poel, F.F. s/d. *O processo da cura na cultura popular*. Disponível. Em: www.psleo.com.br/rp_proc_cura.htm

ACEPTADO: 15 DE NOVIEMBRE DE 2010
PUBLICADO: 31 DE DICIEMBRE DE 2010